

**CORES, HINOS E MASCOTE: GOIÂNIA ESPORTE CLUBE**Djalma Oliveira de Souza<sup>1</sup>**RESUMO**

O presente artigo privilegiando o futebol praticado em Goiás analisará o simbolismo presente na escolha e adoção das cores alvinegras, do galo como mascote e composição do hino do Goiânia Esporte Clube (GEC). Clube fundado ainda pelos idos dos anos de 1930 foi um time que ao longo de suas primeiras décadas foi considerado por conta de seus 14 títulos e pelo seu prestígio diante do governo estadual um importante veículo propagador do futebol goiano. Berço de grandes ídolos e de várias histórias o Galo Carijó por conta de suas ínfimas participações nos campeonatos estaduais tem presenciado o esfacelamento de suas histórias e memórias. Diante dessa percepção este artigo visa evidenciar primeiramente parte da história do clube e esclarecer os objetos que nomeiam o artigo.

**Palavras-chave:** Goiânia Esporte Clube. Mascote. Hino. Cores Alvinegras. Simbolismo.

**ABSTRACT**

Colors, hymns and mascot: Goiânia esporte clube

The present article privileging the football practiced in Goiás will analyze the symbolism present in the choice and adoption of colors alvinegras, the cock as mascot and composition of the anthem of Goiânia Esporte Clube (GEC). Club founded by the years of the 1930s was a team that throughout its first decades was considered by its 14 titles and by its prestige before the state government an important propagating vehicle of the Goiano football. Cradle of great idols and of several stories, the Carijó Rooster on account of his insignificant participation in the state championships has witnessed the collapse of his stories and memories. Faced with this perception this article aims to highlight first part of the history of the club and clarify the objects that name the article

**Key words:** Goiânia Esporte Clube. Mascot. Hymn. Colors Alvinegras. Symbolism.

1-Mestre em História pela PUC Goiás na linha de pesquisa Identidades, Tradições e Territorialidades, Goiás, Brasil.

E-mail do autor:  
djalmaosclje@hotmail.com

**INTRODUÇÃO****Cores, Hinos e Mascote**

A história do GEC, forjada na luta dos pioneiros da nova capital do estado, é repleta de simbolismos e personagens.

A partir deste ponto da dissertação, é pretensão do presente trabalho analisar o uso de alguns símbolos - cores, hinos e mascote - agregados ao clube ao longo de sua história, estabelecendo sobre os mesmos uma análise antropológica, com a finalidade de compreender a razão e a importância da adoção destes na vida e na história do time.

As contribuições antropológicas dos estudos da disciplina História, campearadas principalmente pelo Belga Claude Lévi-Strauss (Descola, 2009), para Lília K. Moritz Schwarcz (2005), sobressaem-se no sentido de que a antropologia pode ser definida como a busca de alteridades das sociedades e as diversas possibilidades de reflexões expressivas de cada grupo.

Assim, ao buscarmos explicações reflexivas sobre o uso das cores Preto e Branco no uniforme do Goiânia, sobre a imagem do galo com a mascote e sobre a forma como foi composto o hino do clube, acreditamos que, por meio dessa metodologia, seja possível abarcar não só a história dos objetos, mas também que possamos oferecer caminhos interpretativos a respeito de cada escolha (cores, mascote, composição do hino) feita pelo time.

Para afirmar e ressaltar nossa escolha por dar explicações a respeito dos símbolos do clube pelo viés antropológico servimo-nos das orientações de Irineia M. Franco dos Santos (2010) que, em seu artigo História e Antropologia: Relações Teórico-Metodológicas, Debates sobre os Objetos e os Usos das Fontes de Pesquisa, traz o seguinte trecho do pensamento de Clifford Geertz:

A Antropologia é o estudo do homem como ser biológico, social e cultural. Sendo cada uma destas dimensões por si só muito ampla, o conhecimento antropológico geralmente é organizado em áreas que indicam uma escolha prévia de certos aspectos a serem privilegiados como a "Antropologia Física ou Biológica" (aspectos genéticos e biológicos do homem), "Antropologia Social" (organização social e política, parentesco, instituições sociais), "Antropologia Cultural" (sistemas simbólicos, religião, comportamento) e

"Arqueologia" (condições de existência dos grupos humanos desaparecidos).

Além disso, podemos utilizar termos como Antropologia, Etnologia e Etnografia para distinguir diferentes níveis de análise ou tradições acadêmicas.

Para o antropólogo Claude Lévi-Strauss (1970:377) a etnografia corresponde "aos primeiros estágios da pesquisa: observação e descrição; trabalho de campo".

A etnologia, com relação à etnografia, seria "um primeiro passo em direção à síntese" e a antropologia "uma segunda e última etapa da síntese, tomando por base as conclusões da etnografia e da etnologia".

Qualquer que seja a definição adotada é possível entender a antropologia como uma forma de conhecimento sobre a diversidade cultural, isto é, a busca de respostas para entendermos o que somos a partir do espelho fornecido pelo "Outro"; uma maneira de se situar na fronteira de vários mundos sociais e culturais, abrindo janelas entre eles, através das quais podemos alargar nossas possibilidades de sentir, agir e refletir sobre o que, afinal de contas, nos torna seres singulares, humanos (Geertz, Clifford. A Interpretação das Culturas. São Paulo: LTC, 1989. citado por; Santos, Irineia M. Franco dos. História e Antropologia: Relações Teórico-Metodológicas, Debates sobre os Objetos e os Usos das Fontes de Pesquisa. Revista Crítica Histórica, Ano I, Núm 1, Junho/2010. p. 5 e 6).

Dessa forma, acreditamos ser essencial a inclusão do estudo antropológico cultural na busca de explicação simbólica dos objetos pesquisados junto ao Goiânia Esporte Clube, tanto pela relevância, quanto pela falta de documentos inerentes aos objetos pesquisados.

**Listras em preto e branco**

As cores de um clube, muitas vezes representadas através de seus uniformes, podem apresentar traços históricos de uma época e até mesmo a personalidade de um time, de uma instituição ou de um indivíduo.

Dessa forma, acreditamos que, buscando explicações socioculturais sobre a preferência das cores alvinegra para a composição dos uniformes e objetos do Goiânia Esporte Clube, abrimos caminhos não antes trilhados<sup>1</sup> na busca de explicação sobre

<sup>1</sup> A nossa afirmação "não antes trilhado" refere-se exclusivamente ao objeto em questão, pois não encontramos nenhuma referência nos bancos de

a razão de o clube ter optado pelas cores, preta e branca, em seus uniformes - de jogos e de treinos - nas bandeiras e nos objetos fabricados no decorrer das oito décadas de sua existência.

Creemos que o que está em jogo não é simplesmente relatar o que foi dito ou escrito, mas sim compreender as lógicas dotadas de significados em cada escolha (Sahlins, 2004).

O historiador Hilário Franco Júnior, ao tratar das cores de uniformes em sua obra *A dança dos Deuses*, descreve o seguinte sobre as cores preta e branca e de sua disposição nas camisas formando listras.

Nos primeiros tempos, por exemplo, décadas finais do século XIX e iniciais do XX, apenas duas cores eram consideradas moralmente aceitáveis para todos os personagens dos jogos.

Tudo que tocava o corpo deveria ser puro, quer dizer, branco, tudo que recobria externamente deveria ser digno, isto é, escuro. [...] Baseada em determinação bíblica (Levítico, 19:19), a sociedade cristã ocidental, pelos menos entre os séculos XII e XVIII, tinha considerado tecidos listrados uma marca diabólica.

A partir do século XIX, porém, as mudanças sociais e culturais inverteram essa apreciação e atribuíram às listas e suas variantes, valor positivo (Franco Júnior, 2007, p.231-232).

Ao considerarmos a explicação sobre o uso de camisas alvinegras pelos times do Brasil, levando em conta o viés religioso – é importante considerar que a cultura religiosa predominante no Brasil é o Cristianismo<sup>2</sup>, principalmente por tratar-se das décadas finais do século XIX e os decanatos correspondentes da primeira metade do século XX, período em que grande parte dos clubes tradicionais brasileiros teria sido fundada, podemos supor que, relativamente, pode ter havido algum tipo de influência.

Porém, não podemos afirmar categoricamente sobre o assunto, com base somente na exposição numérica, usando a perspectiva de maior incidência de cristãos no ocidente.

dissertações e teses às cores do time explicadas pelo viés conceitual antropológico.

<sup>2</sup> Ver artigo:

[https://s3.amazonaws.com/academia.edu/document/s/31624766/As Religiões Censo de 2000](https://s3.amazonaws.com/academia.edu/document/s/31624766/As%20Religi%C3%B5es%20Censo%20de%202000). Revista de Estudos da Religião Núm. 2. 2003. p. 75-80. Pe. Alberto Antoniazzi.

Evidentemente, essa primeira impressão não se firma e nem tampouco se consolida, se partirmos para uma análise mais acurada que é o que exige o trabalho científico.

Porém, como apêndice e intermediado por outras fontes, pode ser reveladora de outras histórias.

No caso, para alcançar uma razoável compreensão a respeito do tema, religião/cores, seria necessário aprofundar a pesquisa relacionando a mesma à religiosidade dos fundadores, que até poderia evidentemente resultar num fecundo debate conceitual sobre o papel sociocultural dos indivíduos que se envolveram na fundação dos clubes brasileiros.

Para explicar o porquê do Goiânia Esporte Clube ter escolhido as cores alvinegras para compor o uniforme de seu clube, recorreremos à leitura do livro *FOOTBALLMANIA*, de Leonardo Afonso de Miranda Pereira (2000), que faz uma abordagem sobre o tema, afirmando que a escolha das cores de parte dos times cariocas teria sido feita dentro de um viés elitista, pois,

Essa sofisticação aparecia, ainda, na dependência material que esses clubes passam a manter com seus produtos importados diretamente da Inglaterra.

Excetuando-se o Bangu [...] todos os outros clubes futebolísticos do período traziam da Inglaterra o material necessário à prática do jogo.

Era o caso do Botafogo, cuja diretoria decidira, em julho de 1905, mandar vir da Europa o equipamento de que precisava. Justificando a atitude por ser muito mais caro comprar esses artigos no Brasil, o clube encomenda a uma casa comercial inglesa todo material, como bolas, uniformes e paletós para seus sócios. [...] essa mesma preferência pelos uniformes ingleses chegara mesmo, dois anos antes, a definir a mudança das cores da camisa do Fluminense: sem localizar o tecido cinza que compunha o antigo uniforme nas diversas casas de artigos esportivos que visitara na Inglaterra, onde se achava em viagem, Oscar Cox manda uma carta à diretoria do clube sugerindo a adoção do vermelho, verde e branco. [...] a importação dos uniformes explicitava ainda mais claramente a sofisticação que os defensores do futebol tentavam atribuir ao jogo - sendo os clubes constantemente elogiados nos jornais pelo garbo de seus teams (Pereira, 2000, p.39-40).

O Goiânia Esporte Clube, considerado o time “chapa branca” (Gomes, 2015, p. 38;

Tito, 2008, p.89; Oliveira, 1999, p.43) pelo meio acadêmico e confirmado por alguns entrevistados, ganhou esse apelido pela influência de seus principais dirigentes junto aos gestores estaduais e municipais de Goiânia e, por isso, pode vir a ser chamado e/ou confundido também como time da elite Goiana.

Se olharmos o objeto (GEC) pelo viés elitista, diante de um quadro em que havia o Vila Nova Futebol Clube, considerado time das “massas” (Oliveira, 1999, p.78) e outros clubes fundados na capital<sup>3</sup>, extintos possivelmente por falta de recursos financeiros e/ou má gestão, há razões de se supor que o Goiânia Esporte Clube teria sido mesmo um time elitizado.

Contudo, o que observamos é que apesar da influência e poderio financeiro dos seus dirigentes o time passou também por dificuldades financeiras, fato relatado na série de revistas “Goiânia 70”, números 01,02 e 03.

Desprovidos de qualquer tipo de pesquisa ou trabalhos científicos para que pudéssemos nos ancorar em uma possível assertiva quanto ao fato supracitado, o que, de fato, fica subentendido através das entrevistas que fizemos é que teria havido no quadro de torcedores do clube pessoas de todas as classes sociais, da mesma forma que ocorria no Atlético<sup>4</sup>, Goiás, Vila Nova e demais equipes da Capital<sup>5</sup>.

Dessa forma, acreditamos que a escolha dos uniformes do clube não tenha tido um caráter baseado na possibilidade de exclusão das pessoas que não estivessem enquadradas no provável perfil elitista do time.

Diferentemente de alguns times cariocas faziam, já que era costume inviabilizar a participação de pessoas que não tinham condições financeiras, impedindo-os de participar dos quadros dos clubes (sócios), ao que indica os dados, o GEC não demonstrava esse glamour capaz de afastar as minorias de seu ambiente esportivo.

Outro caminho possível de explicação sobre a preferência pelas cores preta e branca do GEC pode estar relacionado ao fato dos dirigentes Alvinegros terem tido algum tipo de inspiração externa, ou seja, teriam sido influenciados por outras equipes fundadas anteriormente. Fato relativamente possível se pegarmos, por exemplo, os times goianos como o Atlético e Goiás.

O Dragão Campineiro (Atlético Clube Goianiense), segundo Horieste Gomes a escolha das cores do time procedeu da seguinte forma: “o uniforme escolhido recaiu nas cores do Flamengo, já o escudo foi inspirado no do São Paulo” (Gomes, 2015, p.71), enquanto que o Goiás segundo Leal (2014, p.34), “no dia 20 de junho, o time sem recursos, utilizou camisas (verdes com listras horizontais brancas) doadas pelo América Mineiro”.

Porém, existia uma tendência do Goiás em usar o verde e branco em seus uniformes pelo fato de que seus fundadores (família Barsi) serem descendentes de italianos e torcedores do Palmeiras paulista.

Neste ponto, cabe ressaltar, inclusive, que o Goiás Esporte Clube, naquela ocasião de sua fundação, ano de 1943, iria ser batizado com o nome “Palestra Itália” (Franco Júnior, 2007, p.84).

Dessa forma, é possível afirmar que a inspiração não iria resultar apenas na escolha das cores do clube, mas também, iria se impor na escolha do nome do time.

Na capital e no interior de Goiás, surgiram diversas equipes que se inspiraram em outras agremiações copiando destas as cores, os nomes e escudos.

Foram muito influentes, por exemplo, times como o São Paulo, o Botafogo e o Flamengo, por conta de seus títulos e ídolos, influenciando as agremiações goianas a usarem nomes e uniformes<sup>6</sup> desses clubes.

Ainda nesse viés, para entender as razões por que, por inspiração ou por influência, o time do Goiânia teria adotado as cores alvinegras, conversamos com o filho de um dos principais fundadores do GEC, o Dr. Paulo César da Veiga Jardim.

<sup>3</sup> Lisita Júnior. 30 anos de futebol em Goiânia; 2) Jornais Folha de Goyaz e Diário Oficial (anos 40, 50 e 60).

<sup>4</sup> Segundo Gomes (2015, p.9), o grande financiador do clube teria sido um rico dono de cartório, cujo nome é Antonio Accyoli.

<sup>5</sup> Algumas equipes da cidade de Goiânia foram formadas por empresários da Capital. Ver livros: Arquivos do futebol goiano, de João Batista Alves Filho e 30 anos de futebol em Goiânia, de Lisita Junior, além de jornais da época.

<sup>6</sup> Os times usavam o mesmo uniforme com cores e emblemas, ou usavam as mesmas cores dispostas, porém, de modo diferente da disposição dos times inspiradores.





**Figura 1 -** Jornal Folha de Goiaz, dia 20/03/53 (IHGG).

O entrevistado informou-nos o seguinte: que seu pai Joaquim da Veiga Jardim, goiano da Cidade de Goiás, era torcedor do Goiânia Esporte Clube e do Alvinegro carioca, o time do Botafogo.

Disse também que seu primo em segundo grau, o mineiro José Henrique da Veiga Jardim<sup>7</sup>, Zezé da Veiga, que morava na cidade de Goiânia e que também foi um dos principais fundadores do clube, torcia exclusivamente para o Galo Carijó.

Outra informação relevante foi obtida do radialista Rupert Nickerson, cujo avô, seu homônimo e de mesma profissão, teria sido um dos fundadores do Galo.

Em entrevista, Nickerson informou-nos que seu avô nutria paixão pelo Botafogo do Rio e pelo Corinthians Paulista.

Entrevistamos também a filha de Nicanor Brasil Gordo<sup>8</sup>, D<sup>a</sup> Maria Alice Cruvinel Gordo (5/10/1942), que informou sobre seu pai, afirmando que o mesmo, além de ser torcedor do GEC, torcia também para o Fluminense do Rio e para o tricolor Paulista (São Paulo).

No dia 14 de janeiro de 2019, entrevistamos o senhor Paulo Roberto Fleury (Bob), nascido em 11 de junho de 1942, filho de Paulo Fleury da Silva e Souza, juiz de direito do trabalho e assessor de Pedro Ludovico Teixeira.

<sup>7</sup> Segundo sua neta, (em entrevista aos autores dessa dissertação) a Senhora D<sup>a</sup> Márcia da Veiga jardim o seu avô nasceu em Araguari e logo após ainda antes de completar suas primeiras datas mudou para a Cidade de Goiás.

<sup>8</sup> Nicanor Brasil Gordo foi presidente do GEC de 1941 a 1943. Ajudou na fundação do Atlético e dirigiu a FGF. Nasceu em Pouso alto (Hoje Piracanjuba) no dia 15 de novembro de 1912, foi casado com Laís Borges Cruvinel Gordo, formado em direito e durante foi procurador do Estado. Faleceu no dia 28 de setembro do ano 2000. Fonte: Entrevista concedida por Maria Alice Cruvinel Gordo (Filha).

Paulo Fleury (pai) foi um dos fundadores e dirigente do GEC. Sobre o pai, que viveu entre 1911 e 1990, o filho afirma que ele era torcedor do Goiânia e do Cruzeiro de Minas Gerais. Acrescenta ainda que “ele não teve influência nessa escolha”.

O empresário e publicitário Jaime Câmara (16/07/1909-29/10/1989), também entusiasta e fundador do GEC, segundo seu filho João Câmara<sup>9</sup>(presidente das Organizações Jaime Câmara), torcia para Goiânia e para o Santos.

Aládio Teixeira Álvares Junior, filho de Aládio Teixeira, que, na década de 30, também teria feito parte do grupo de fundadores do Goiânia, informou-nos de que o seu pai era torcedor do Galo e do América do Rio.

Encontramos em três documentos evidências de quando foi escolhido e confeccionado o primeiro uniforme do Goiânia Esporte Clube.

Segundo o jornalista João Batista Alves Filho, no livro Arquivos do Futebol Goiano, de 1982, o fato foi procedido da seguinte forma:

Ainda na mesma reunião (30 de julho de 1936) <sup>10</sup> foram escolhidas as cores preta e branca e o uniforme do quadro de futebol ganhou logo uma definição: camisas pretas, com golas brancas, trazendo ao peito o mapa do Estado de Goiás. Os calções seriam brancos, com meias pretas (Alves Filho, João Batista. Arquivos do Futebol Goiano. Goiânia: p. 119. Gráfica O Popular, 1982).

Em outra fonte, desta vez no jornal Folha de Goiaz do dia 25 de janeiro de 1945, o fato é descrito da seguinte forma:

Um dos primeiros uniformes do Goiânia foi este: calção branco, camiseta preta com punhos e gola branca e com um pequeno mapa do Brasil em cor branca à guisa de distintivo. Isto foi nos anos em que Zezé da Veiga e outros se esqueciam até de comer e dormir para manter de pé o clube aqui fundado em 1936, antes, portanto da mudança da capital. (Jornal Folha de Goiaz, 25/01/45, Arquivo Estadual de Goiás)

Complementando a visualização desse tema (cores) encontramos também uma sucinta descrição de como foi o uniforme do

<sup>9</sup> O senhor João Câmara nos atendeu por telefone no dia 14/01/2019.

<sup>10</sup> Parênteses nosso.

# Revista Brasileira de Futsal e Futebol

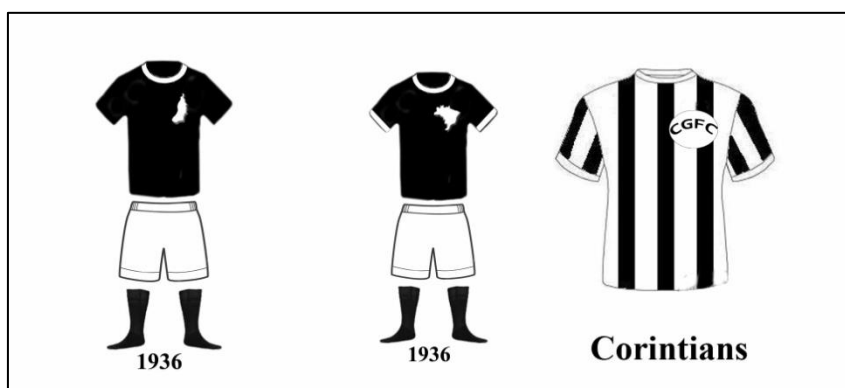
ISSN 1984-4956 *versão eletrônica*

Periódico do Instituto Brasileiro de Pesquisa e Ensino em Fisiologia do Exercício

[www.ibpefex.com.br](http://www.ibpefex.com.br) / [www.rbff.com.br](http://www.rbff.com.br)

Corinthians Goiano Futebol Clube dada da seguinte maneira: “O Corinthians tinha camisas em listas verticais e o distintivo passou a ser

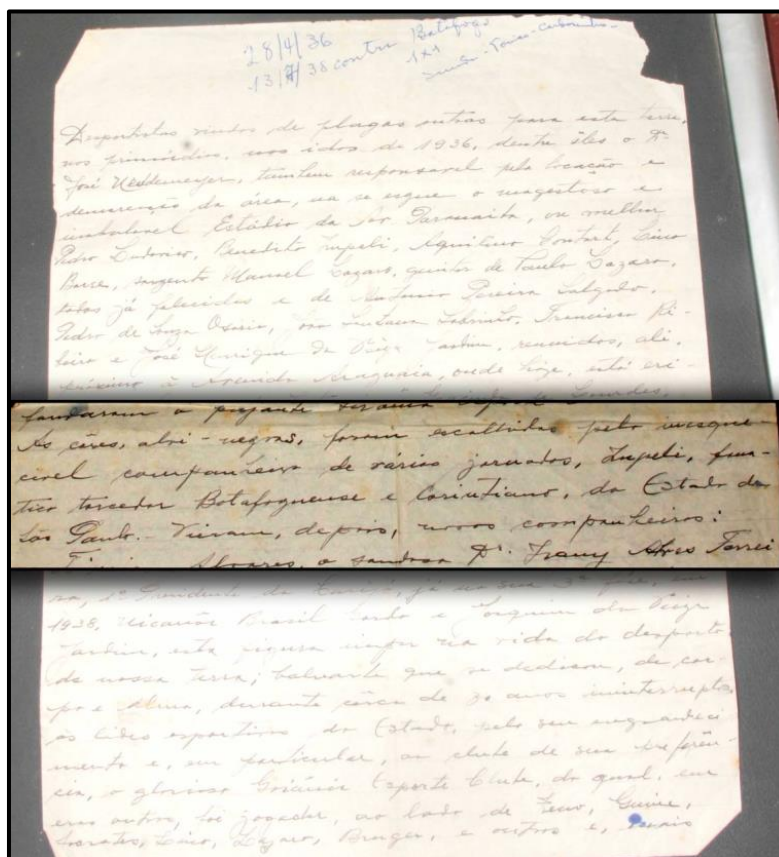
um círculo, onde estavam inscritas as suas iniciais.” (Revista Goiânia 70, 1970, p.11).



**Figura 2** - Representação dos uniformes do GEC. Montagem baseada a partir da leitura das respectivas fontes: João Batista Alves Filho. Arquivos do Futebol Goiano, Goiânia: p. 119. Gráfica O Popular, 1982, Jornal Folha de Goiaz, 25/01/45; Arquivo Estadual de Goiás, Revista Goiânia 70, 1970, p.11.



**Figura 3** - Fontes das representações dos modelos de emblemas do GEC de 1940 a 2019. Ordem da esquerda para direita; Jornal Esporte ilustrado; 10 de abril de 1941, nº 157 p. 28, Jogadores: Sebinha (cabeça baixa) e Batistinha. Revista Futebol Milionário, n. 3, sem data, p. 85, reprodução, Djalma Oliveira de Souza. Fotografia de camiseta pertencente ao torcedor, Visaldo Rosa. Fotografia, Djalma Oliveira de Souza (2018).



**Figura 4** - Fotografia Djalma Oliveira de Souza. Arquivo pessoal D<sup>a</sup> Márcia da Veiga Jardim. Bloco de anotações escrita por José H. da Veiga Jardim. (sem data) foto colorida.

Constatamos que, de acordo com a variedade de possibilidades descritivas dos uniformes do Galo, é possível que tenha havido, na escolha das cores do clube, o peso da influência por parte de seus fundadores, resultado das paixões de cada membro por seus respectivos clubes fora do estado de Goiás, com destaque para times dos estados do Rio de Janeiro e São Paulo. Em um manuscrito, que se encontra sob a guarda da neta de Zezé da Veiga, foi possível confirmar essa nossa hipótese sobre os motivos pelo qual o GEC escolheu as cores em preto e branco para laurear seus uniformes.

O manuscrito escrito por Zezé da Veiga não tem data e descreve da seguinte forma a escolha: “as cores alvinegras, foram escolhidas pelo inesquecível companheiro de várias jornadas, Zupelli<sup>11</sup>, fanático torcedor

botafoguense e corintiano do Estado de São Paulo”.

Ao apresentar esse manuscrito, acreditamos que o assunto, embora não se encerre de maneira definitiva, o que é próprio da natureza dos estudos históricos, (Schaff, 1995) ganhe bom termo para a presente dissertação, tendo em vista que, por tudo que pesquisamos até o presente momento, é razoável considerar que as cores do GEC teriam sido adotadas por conta de uma alguma influência da parte de seus fundadores e principais dirigentes.

### Mascote Galo Carijó

A mascote é uma figura que, para um clube de futebol, pode se tornar tão importante que, muitas vezes, fica demasiadamente impossível fazer referências a determinados

<sup>11</sup> Benedito Zupelli nasceu em Ribeirão Preto S/P no dia 6 de janeiro de 1900, vindo a falecer no mês de janeiro de 1957 segundo a revista Goiânia 70. n. 1, foi fundador e vice-presidente do clube na década de 30. Benedito Zupelli foi comerciante

(fábrica de mosaicos) e o primeiro edifício construído na Av. Anhanguera entre a Av. Goiás e rua sete além de ser uma construção de sua autoria leva o seu nome (Edifício Zupelli).



times sem que automaticamente possa vir à mente sua imagem.

Há uma grande variedade de mascotes de times, as quais podem ir, desde a imagem de um singular alimento, até espécies da cultura mitológica, da religião e do folclore.

Entretanto, o tipo de mascote mais recorrente vem mesmo do reino animal, mamíferos, aves e seres aquáticos. Quanto a isso, é razoável salientar que a figura da mascote costuma exercer uma espécie de magia no público, certo encantamento, que, em alguns casos, pode conduzir os torcedores às margens da devoção.

O grande teórico e autor de Histórias em Quadrinhos, Scott McCloud (2011), citado por Feix (2016) afirma que, para a criação de uma boa personagem, “são necessários três elementos: uma vida interior, distinção visual e traços expressivos.” (Feix, 2016, p.20).

Dos elementos elencados por Scott McCloud trazemos para nossa análise o fato de que acreditamos que as personagens escolhidas para representar os clubes futebolísticos, ou seja, as mascotes carregam, em si, uma vida interior e, mais ainda, podem representar, na escolha desta enquanto mascote, parte da própria história do clube.

Partindo da idéia de “vida interior”, pensando na questão da historicidade de cada mascote enquanto personagem, nesta parte da pesquisa, analisaremos alguns elementos, características peculiares das comunidades que teriam se tornado determinantes para a concepção da mascote.

Entendemos que a mascote é uma figura concebida a partir de uma escolha, que pode acontecer levando em consideração os elementos da cultura dos torcedores do clube, seja relacionado a hábitos do dia a dia, ou mesmo envolvendo fatos que poderiam estar relacionados a casos específicos da agremiação.

Com base em tais pressupostos é que buscaremos atribuir uma explicação acerca das razões por que o time do Goiânia Esporte Clube teria chegado à imagem do Galo Carijó para adotá-lo como a mascote do clube.

Na carência de documentos que poderiam elucidar a questão ou com o qual pudéssemos dialogar - no caso, fontes escritas e/ou orais -, dando-nos a noção de como teria se dado a adoção da mascote para o Goiânia, adotamos como recurso atribuir uma compreensão para essa questão, considerando os elementos que, de certa maneira, estiveram envolvidos com os

momentos do clube, seja na relação com a torcida ou com nomes que estiveram à frente da instituição.

Normalmente as mascotes dos clubes nascem ou são incorporadas aos times anos mais tarde, em um tempo relativamente distante<sup>12</sup> ao de sua fundação.

Em alguns casos específicos encontramos histórias em que as mascotes foram trocadas por outra, ora por motivações a respeito de direitos autorais (Pessoa, 2012, p.8), ora por vontade de alguma pessoa importante (Feix, 2016, p.29) do clube, torcedores e/ou jogadores, ou até mesmo pelo efeito negativo causado pela mascote, ou a ela atribuído, como teria acontecido, por exemplo, no caso do Fluminense carioca que, por conta da visão pejorativa de sua mascote, o cartola, o clube decidiu fazer a mudança<sup>13</sup> da figura, trocando-a pela imagem de um guerreiro.

A adoção de mascotes não se restringe ao futebol, pois, encontramos incidências de sua utilização em equipes esportivas de várias modalidades, além dos casos comuns do seu uso como personagens em produtos comerciais (Feix (2016, p.19).

Voltando, porém, ao objeto central deste trecho da dissertação, que diz respeito à utilização de mascotes pelos clubes, encontramos no site da FIFA uma interessante relação das que foram criadas especialmente para o evento Copa do Mundo.

Já no site da CBF, certificamo-nos de que a seleção brasileira de futebol adotou a figura do Canarinho como mascote.

Verificamos na plataforma da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais<sup>14</sup>, Instituto Oswaldo Cruz, trabalhos

<sup>12</sup> A história relacionada às mascotes dos clubes Brasileiros ainda carece de muita pesquisa, os sites consultados dos próprios clubes (oficiais) não fornecem na maioria dos casos dados e informações relacionadas à data de adoção de suas mascotes. Pesquisamos dessa forma a história desse objeto dos seguintes times; Ponte Preta (SP), Fluminense (RJ), Vitória da Bahia, Grêmio Porto Alegre, Flamengo (RJ), Botafogo (RJ), Goiás Esporte Clube, Atlético Mineiro, Cruzeiro (MG) e Palmeiras (SP).

<sup>13</sup>

<https://www.torcedores.com/noticias/2016/03/saiba-o-motivo-que-fez-o-fluminense-mudar-de-mascote-em-2016>

<sup>14</sup> 1) O grupo dos peixes nos escudos dos times de futebol do Brasil; autores; Lucas de Esquivel Dias Brandão e Marcelo Diniz Monteiro de Barros. 2) As aves com a mascotes dos times brasileiros de



feitos por um grupo de estudantes da área de Ciências Biológicas, nos quais encontramos referências aos animais que são utilizados como mascotes pelos clubes brasileiros.

Dessa forma obtivemos a informação que a espécie animal mais usada pelos clubes na composição dos seus mascotes seria a de aves, sendo que, destas, em primeiro lugar, viria a água, e, em seguida, o galo.

É importante acrescentar que, em visita a diversos sites especializados nesse tipo de informação, constatamos que, dos sessenta clubes brasileiros que disputaram as séries A, B e C em 2011, 39 clubes utilizam a figura de algum animal.

Destes, 18 são imagens que representam alguma espécie de aves. Identificamos ainda 13 mascotes com representação de figuras humanas e nove que, apesar de alguma diversidade, seriam representações de figuras sobrenaturais e/ou folclóricas.

A princípio, é razoável destacar que a espécie ave, incluindo uma variedade delas, por sua simbologia, é historicamente significativa entre diferentes povos, determinando parâmetros comportamentais, sociais e culturais.

Destacamos, a partir deste ponto, algumas representações simbólicas de aves que, de certo, nos permitirão compreender a importância da escolha da ave para ocupar a função de mascote de clubes esportivos, tendo em vista, ser a escolha realizada pela maioria dessas instituições.

O poeta africano, nascido por volta de 250 d.C., Firmiano Lactância, em seu poema Da ave Fênix, conta a história de uma ave que, de forma sobrenatural, renasce das cinzas. O autor, ao descrever o animal, reforça a ideia de poder, de valentia e de respeito.

[...]

35 Avermelhada, quando, surgindo, a Aurora enrubesce,  
logo que os astros afugentam com a sua rósea luz,

três vezes quatro vezes ela imerge o corpo nas  
pias ondas,  
três vezes quatro vezes do vivo turbilhão ela  
bebe a água.

Alça vô e pousa no mais elevado cume de uma  
alta árvore,

[...]

40 que avista de um só lance todo o bosque,  
e, voltada para as novas aparições de Febo  
nascente,

espera seus raios e o esplendor que se levanta.

(DA AVE FÊNIX, LACTÂNCIO (?) —  
TRADUÇÃO, CARRARA, Daniel Peluci e  
NATIVIDADE, Everton da Silva. 2006, p.140;  
CALÍOPE: Presença Clássica Programa de Pós-  
Graduação em Letras Clássicas Departamento  
de Letras Clássicas da Universidade Federal do  
Rio de Janeiro)

[...]

95 Enquanto isso, seu corpo, destruído pela  
morte fecunda,

arde, e o próprio calor produz uma chama,  
e, ao longe, recebe o fogo proveniente do  
esplendor eterno:

queima e, abrasado, se decompõe em cinzas.

Essas cinzas, como reduzidas a uma massa, na  
morte

[...]

100 ela as reanima e tem um efeito equivalente  
ao do sêmen. (Da Ave Fênix, Lactância (?) -  
Tradução; Carrara, Daniel Peluci e  
NATIVIDADE, Everton da Silva. 2006, p.141;  
Calíope Presença Clássica Programa de Pós-  
Graduação em Letras Clássicas Departamento  
de Letras Clássicas da Universidade Federal do  
Rio de Janeiro) [...]

Ao demonstrar sua capacidade de reverter uma situação aparentemente irreversível, o autor pode estar representando outra ideia, o que poderia naturalmente ser uma metáfora. Mas ao usar a ave, reforça ainda a ideia de liberdade, de reconstrução e de novidade.

Os alemães e os norte-americanos, ao utilizarem a águia como símbolo de seus países, possibilitam-nos compreender que a escolha da ave decorreria do fato de ela representar força, poder, proteção e longevidade para os povos<sup>15</sup>.

futebol; autores; Diego Victor Cerqueira Dias, Lucas de Esquivel Dias Brandão, Hanna Thays Soares Rodrigues, Vitor Bruno Pereira Sousa, Marcelo Diniz Monteiro de Barros. 3) Anfíbios e répteis representados nas mascotes dos times brasileiros de futebol. Autores; Lucas de Esquivel Dias Brandão, Hanna Thays Soares Rodrigues, Vitor Bruno Pereira Sousa e Marcelo Diniz Monteiro de Barros. Fonte: periodicos.pucminas.br

15

Fonte:

<https://www.dicionariodesimbolos.com.br/aguia/> e artigo, O simbolismo da águia na religiosidade nórdica pré-cristã e cristã. Escrito por, Johnni Langer, Ricardo Wagner Menezes de Oliveira e Andressa Furlan Ferreira. Revista Brasileira de História das Religiões. ANPUH, Ano VIII, n. 23, Setembro/Dezembro de 2015.

Por outro lado, os franceses<sup>16</sup>, ao adotarem o galo como símbolo de proteção e coragem de sua gente, entre as várias possibilidades de atribuição de sentido, estariam explorando a capacidade do país em produzir fatos importantes para o mundo, a exemplo da própria Revolução Francesa, acontecimentos históricos que, figuradamente, teriam ganhado asas e ecoado, como o canto do galo, por todo o planeta (Vovelle, 1987).

No período ditatorial brasileiro (1964/1985), João do Vale, em parceria com José Cândido, no ano de 1963 escreveu;

“Carcará  
Pega mata e come  
Carcará é malvado, é valentão  
É a água de lá do meu sertão.  
Os burrego novinho num pode andá.  
Ele puxa o umbigo intê matá  
Carcará  
Pega, mata e come  
Carcará  
Num vai morrer de fome” (Barreto, 2013, p.49)

Os letristas, de forma sutil e sob a camuflagem dos jogos de palavras, criticavam a forma truculenta, agressiva e antidemocrática usada pelos militares. E, ao usar a ave “carcará” como instrumento dessa agressividade, demonstra, entre outras visões, a força destrutiva do animal que, ao mesmo tempo, pode representar a liberdade ao alçar vôos e o mesmo animal que aprisiona tortura e mata.

O antropólogo norte americano Clifford Geertz (1973) em seu livro, *A interpretação das Culturas*, ao relatar pesquisa realizada em uma aldeia Balinesa sobre as rinhadas de brigas de galo, no capítulo intitulado *Um Jogo Absorvente: Notas sobre a Briga de Galos Balinesa*, analisou parte da sociedade Balinesa, tendo por pano de fundo o supracitado evento<sup>17</sup>. Dessa forma, o antropólogo define a ave galo da seguinte forma:

A linguagem do moralismo cotidiano pelo menos é eivada, no lado masculino, de imagens de galos. Sabung, a palavra correspondente a galo (que aparece em inscrições tão antigas como 922 d.C) é usada de forma metafísica com o significado de “herói”, “guerreiro”, “campeão”, “homem de valor”, “candidato político”, “solteiro”, “dandi”, “Don Juan” ou “cara durão” (Geertz, 1973, p.284).

Na esteira deste raciocínio, procedemos nossa análise quanto à escolha da ave galo como mascote do Goiânia Esporte Clube, porque o recorte descritivo formulado por Clifford Geertz, ao aproximar a imagem metafísica do “galo” da imagem do “herói”, do “guerreiro” e do “campeão”, oferece-nos um conjunto de características relevantes para a vida do clube de futebol.

Há, entretanto, quatro outros elementos que poderiam estar alinhando o time GEC ao Galo Carijó. Em primeiro lugar, as cores dessa espécie de ave são dadas em preto e branco, numa relação imediata com as cores da camisa do clube.

Em segundo, colocamos a possível relação entre o futebol mineiro e o futebol goiano, dada a influência de Minas Gerais, tendo em vista que muitos goianos tinham no estado mineiro local de trabalho e/ou estudo.

Durante a pesquisa, vários entrevistados sugeriram a ideia de que a escolha do galo do Goiânia teria sua origem no galo do Atlético Mineiro, alguns deles reforçando sua opinião, considerando o fato de um dos principais fundadores, senhor Zezé da Veiga, ser mineiro da cidade de Uberaba. Uma terceira sugestão teria sua origem nas características do Antigo Estádio Olímpico, à época, denominado Estádio Pedro Ludovico Teixeira, por questão das primeiras arquibancadas serem de madeira, cuja disposição de tábuas lembrava poleiros.

O fato teria favorecido para que o local recebesse a alcunha pejorativa de galinheiro.<sup>18</sup> A quarta possibilidade poderia estar vinculada a questões de ordem subjetiva, oriundas da parte de seus fundadores, torcedores e/ou dirigentes que, possivelmente, em algum momento da história do clube, teriam construído uma relação entre o time e a figura

<sup>16</sup> Fonte: 1) <https://www.conexaoparis.com.br/2015/04/20/galo-simbolo-da-franca/>. 2) <http://www.scielo.br/pdf/anaismp/v18n2/v18n2a02>. 3) [https://www.ifch.unicamp.br/formulario\\_cemarx/selecao/2015/trabalhos2015/](https://www.ifch.unicamp.br/formulario_cemarx/selecao/2015/trabalhos2015/)

Ana%20Let%C3%ADcia%20Medeiros%20

Godoi%20Silva.pdf

<sup>17</sup> Clifford Geertz. Capítulo 9. *Um Jogo Absorvente: Notas sobre a Briga de Galos Balinesa* (1973).

<sup>18</sup> Encontramos o termo galinheiro na revista “Goiânia Esporte Clube, campeão de 74- Presente, hoje e sempre.” Revista publicada em 1975. (Arquivo pessoal neta de José H. da Veiga Jardim, D<sup>a</sup>. Márcia da Veiga Jardim).

do galo, este sendo entendido como “o único”, “o rei do terreiro”, em contraposição a outras equipes.

As notícias sobre o fato em questão são bastante deficitárias quanto ao número de documentos que fazem menção ao ocorrido. Na parte de entrevistas, não obtivemos nenhuma resposta contundente sobre o fato.

O que de fato ouvimos nas entrevistas e em conversas, não gravados com os entrevistados, foi a informação de que a adoção do galo como mascote do Goiânia Esporte Clube estaria mesmo relacionada às arquibancadas, ou seja, ao galinheiro, e também por conta de uma possível influência da mascote do Atlético Mineiro<sup>19</sup>.

Nas fontes e documentos escritos, o termo Galo Carijó é bastante usado, porém, nunca explicado.

Dessa forma, para lançar alguma luz sobre o assunto, o primeiro passo dado por nós, foi ao sentido de tentar encontrar alguma fonte documental oficial, extra-oficial e manuscrito mais antigo, que pudesse fazer menção ao momento a partir do qual teria sido construída a similaridade entre o GEC e o Galo Carijó.

Tivemos acesso a manuscritos pertencentes à família de José Henrique da Veiga Jardim e a um livro manuscrito por Joaquim da Veiga Jardim.

Em ambos os casos, não identificamos menção ao fato. A fonte mais antiga encontrada durante a pesquisa que nomeia o GEC como Galo Carijó é o jornal Folha de Goiás de 1945.

Embora a referência mais antiga que nomeia o GEC como Galo Carijó seja de 1945, observamos que a prática de nomear os times fazendo ilações a mascotes seja mais antiga que a data da figura 34 (ver imagem abaixo).

Portanto, nossa suposição é de que, se o GEC já era chamado de Galo antes de 1945, essa informação não aparece nos noticiários com os quais foi possível entrar em contato no decorrer da pesquisa, que envolveu todas as edições do jornal Folha de Goiás, desde o ano 1936 até 1970.

Dessa forma, e a partir da notícia em destaque acima, dado as datas de adoção das

mascotes serem muito aproximadas, acreditamos que o GEC não teria se tornado Galo a partir da influência do Galo Mineiro, já que ambas as agremiações teriam estabelecido suas mascotes em tempos relativamente simultâneos.

A ideia de que a mascote Galo seria em decorrência das arquibancadas de madeira, onde se acomodavam exclusivamente os torcedores do time do Goiânia no interior do Estádio Olímpico é uma afirmação que não tem base sólida, pois não se sustenta em decorrência da falta de documentos que possam elucidar a questão.

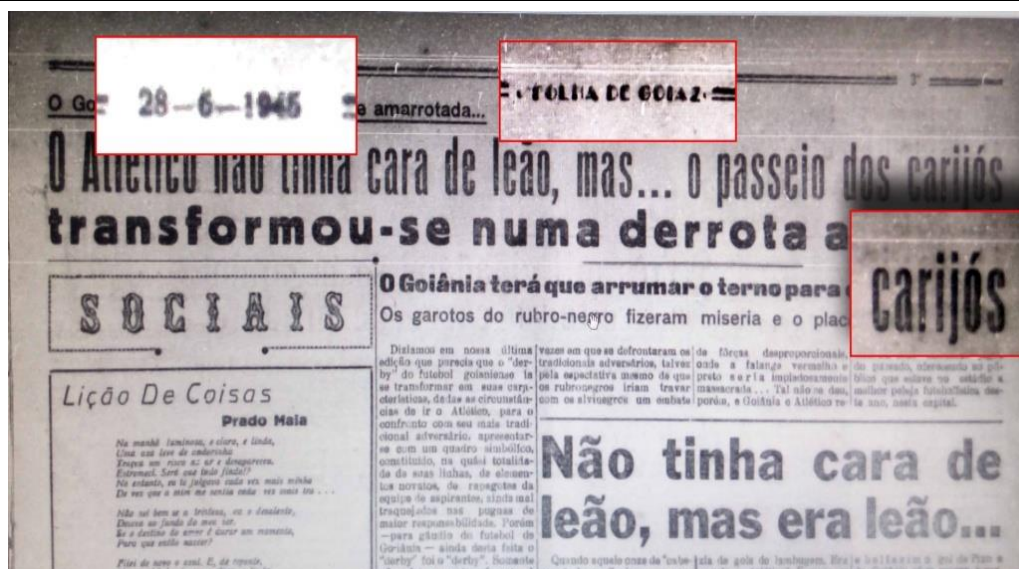
Isso, porque, não se pode afirmar qual dos adventos teria se dado primeiro, já que, assim como a mascote Galo poderia ter surgido em decorrência das arquibancadas de madeira, da mesma forma, estas poderiam ter sido chamadas de galinheiro por conta da adoção do Galo como mascote.

Definir a motivação para o surgimento da mascote do Goiânia exigiu de nossa parte, portanto, uma avaliação subjetiva na compreensão do fenômeno, considerando um conjunto de fatores: a representação simbólica da ave de modo geral, por sua força, longevidade e resistência; o simbolismo inerente às cores do time, preta e branca, que coincidem com as cores da ave escolhida como mascote; e, por último, em decorrência da paixão de José Henrique da Veiga Jardim por galos que, além de incentivador das práticas esportivas, em um manuscrito de próprio punho, afirma ser responsável também pela organização de rinhas na nova capital. “colaborei, com imenso prazer, na fundação de vários clubes de futebol, tais como: União Americana Sport, Atlético Clube Goianiense, e meu (ilegível) GEC, Vila Nova, futebol, brigas de galo<sup>20</sup> e corridas de motores e de bicicleta” (transcrição de manuscrito de José Henrique da Veiga Jardim<sup>21</sup>).

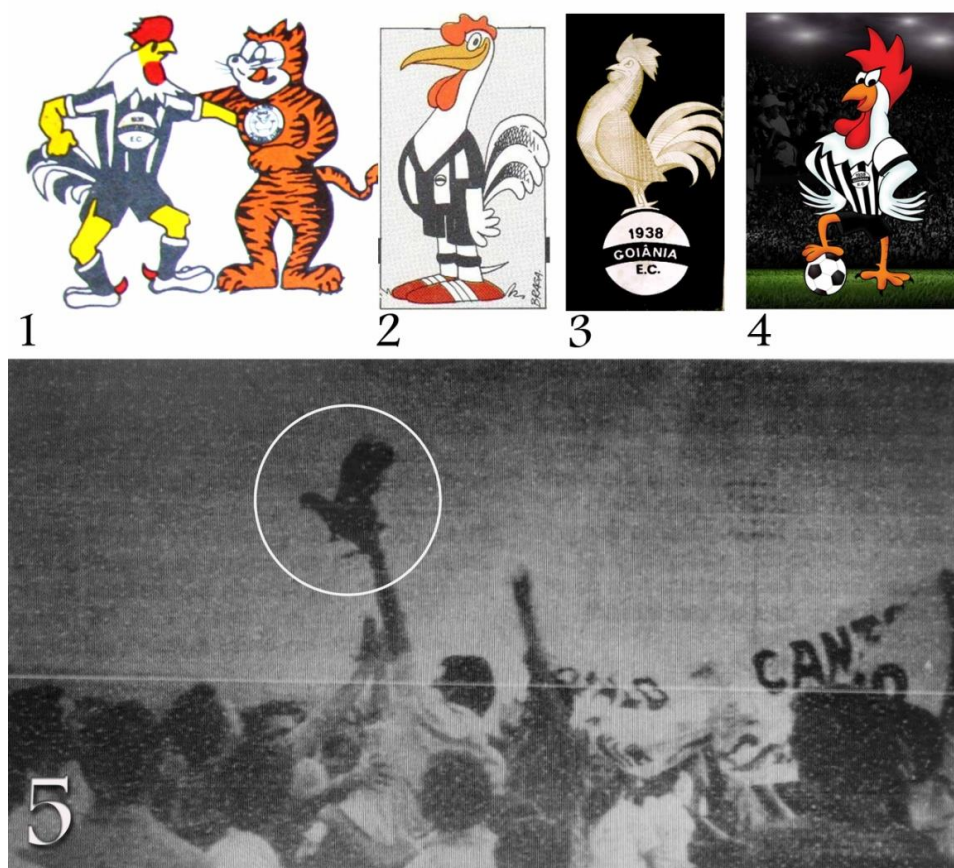
<sup>19</sup> No site oficial do clube (<https://www.atletico.com.br/>), obtemos a informação de que a adoção da figura do galo ao Atlético Mineiro é de 1945, o que nos permite descartar essa possibilidade por se tratar de tempo muito simultâneo.

<sup>20</sup> Grifo nosso.  
<https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1960-1969/decreto-50620-18-maio-1961-390463-publicacaooriginal-1-pe.html>. Decreto nº 50.620, de 18 de Maio de 1961 Proíbe o funcionamento das rinhas de “briga de galos” e dá outras providências.  
<sup>21</sup> Arquivo pessoal, Márcia da Veiga Jardim. (neta de José H. da Veiga Jardim).





**Figura 5** - Jornal Folha de Goiás. 28 de junho de 1945, (IHGG).



**Figura 6** - Montagem idealizada por Djalma Oliveira, a partir das seguintes fontes:

1) Revista Futebol Milionário nº2 (década 70), arquivo particular Márcia da Veiga. 2) Desenho feito por Jorge Braga na década de 80, Revista Federação Goiana de Futebol. Fonte: o próprio autor por e-mail no dia 14/01/2019. 3) Desenho extraído de um quadro de sócio do time. Arquivo particular D<sup>a</sup> Nenzinha, irmã do ex-Funcionário Fidelino Ferreira; 4) Imagem do site oficial do Goiânia Esporte Clube. 5) Folha de Goiás, dia 28/11/68, (IHGG), foto do presidente Sergio Dias Guimarães sendo carregado por torcedores com um galo carijó (vivo) em uma das mãos, por ocasião da conquista do 13º título estadual.



Creemos que a explicação sobre a adoção do galo carijó como a mascote do GEC seja decorrente da fusão entre o imaginário – de força, de guerreiro, de campeão – “que deve ser descrito, mas nunca explicado” (Ruiz, 2015, p.102) e o real - o galo e suas cores, as rinhas na cidade, as cores do uniforme – “atribuído a interpretação humana, existente a partir das idéias dos signos e dos símbolos” (Laplantine, 2015, p. 10).

Dessa fusão, em que o imaginário se sobrepõe ao real na sua gênese, a alternativa de explicação e entendimento passa pela associação dos elementos constituintes da história cotidiana do clube, dos problemas, das

alegrias, dos personagens e daquilo que possa estar envolvido com a história do time. Seguindo este raciocínio, o real, que outrora, fora sobreposto pelo imaginário, teria se materializado no percurso do tempo e enraizado em forma de objetos, através da pintura, do desenho, da literatura e da música.

Dito isso, acreditamos que a escolha do Galo como mascote tenha se dado de maneira gradual e natural, graças a um emaranhado de fatores visíveis e pela carga de componentes invisíveis adquiridas pelos fundadores, dirigentes e torcedores do clube ao longo de sua história.



**Figura 7** - Fotografia: autor desconhecido. José Henrique da Veiga Jardim e sua outra paixão (galos de briga) fotos de 1950 na cidade de Uruaçu. Arquivo pessoal D<sup>a</sup> Márcia da Veiga Jardim, Fotos P/B. Tamanho 6x8.

### **O Hino do Galo “Qui Ri Ri Qui Qui”**

É notória a estreita relação entre a música e futebol no Brasil eventualmente se há música, o futebol de uma maneira ou de outra se apresenta em forma de gritos, sons, cores e dribles, o futebol parece ser regido por música.

Segundo Gilberto Freyre (1971), citado por Branco (2010, p.5) “O jogo brasileiro de “football” é como se fosse dança” ou ainda, segundo Wisnik (2008, p.270), “como acontece na música popular com a combinação das rítmicas européia e africana, que lhe permite passar pelo espaço esperável no tempo inesperado.”

Atrelado a isso, existe toda uma coreografia às vezes encenadas em campo, que ultrapassa as linhas retangulares da arena e chega às arquibancadas onde encontra os torcedores.

Dessa similitude entre música e futebol em que momentos da história do país podem ser evidenciados e catalogados de acordo com as suas peculiaridades, encontramos, entre várias possibilidades de

manifestação musical, a presença da música no futebol representada em forma de hinos.

E é com base nesse aspecto que discutiremos o ambiente histórico que circunscreve parte da história relacionada à adoção da modalidade musical pelos clubes de futebol e o tom épico das composições.

No tocante a hinos de clubes de futebol, Elcio Cornelsen concebe o tema da seguinte forma: “O épico dos hinos de futebol se constitui, basicamente, a partir de quatro componentes: (1) a cena narrativa; (2) a espacialização; (3) feitos heróicos e conquistas e/ou virtudes; (4) identidade simbólica.” (Cornelsen, 2014, p. 03).

Dessa forma, compreendendo que o tom épico ganha proporções e características que conseguem abarcar várias formas predispostas a um jogo de futebol, encaminharemos a análise sobre o hino do GEC a partir dos elementos que constituem sua composição, aliada ao fato de que, à época, 1969, a adoção de um hino que representasse um time de futebol era recorrente (idem, p.4). Fazia parte de um processo cultural peculiar aos anos trinta com

a criação de vários concursos promovidos pelos meios radiofônicos do Rio de Janeiro, incentivando torcedores na criação de hinos e mascotes (Franco Júnior, 2007).

Pelo que tudo indica, nas décadas subsequentes aos anos 30, os hinos dos principais clubes de futebol brasileiro foram compostos a partir de uma mistura de dança, engodo e épico.<sup>22</sup>

A partir de certo momento da história dos clubes, foram inseridas figuras de prestígio do cenário da música, contratadas para fazerem composições para os clubes brasileiros.

No meio destes, destacam-se Lamartine Babo (Cornelsen, 2014) e Lupicínio Rodrigues (Campos, 2015) que compuseram, respectivamente, hinos dos principais clubes do Rio de Janeiro e do Grêmio Porto Alegre.

Ao que tudo indica, foi uma tendência bem recebida pelo meio, conforme podemos depreender a partir deste trecho:

Não é por acaso que música e futebol se aliaram ao longo do século XX no Brasil, em parcerias muito felizes, envolvendo nomes como Ary Barroso, Lamartine Babo, Wilson Batista, Lupicínio Rodrigues, Tom Zé, Gonzaguinha, João Bosco, Jorge Ben Jor, Paulinho Nogueira, Aldir Blanc, Chico Buarque (Cornelsen, 2014, p. 4).

Com isso, com a presença das figuras de renome da música popular brasileira daquela época, cremos que os hinos passaram a ser criados a partir de uma elaboração mais acurada, tanto no plano da composição textual, quanto da parte musical, muito embora os recursos das mesas de som da década de 1960 fossem ainda de quatro ou no máximo oito canais, limitadas, portanto,

para a execução de recursos mais elaborados como observamos no contexto atual.<sup>23</sup>

O hino do GEC teria sido composto e gravado por volta da década de 1960, conforme é possível crer.

De todos os documentos pesquisados para esta dissertação, nossa única referência sobre como e quando o hino fora gravado é uma fotografia obtida pelo filho do ex-jogador Paulistano<sup>24</sup>, o empresário e torcedor do Galo Goiano, Sérgio Jaime Canedo, que possui a cópia de um LP adquirido pelo pai<sup>25</sup> nos anos de 1970.

No disco encontram-se as seguintes informações: 1) A composição do hino foi feita pelo publicitário Victor Dagô (1969) sobre o qual José Bonifácio de Oliveira Sobrinho, vulgo Boni, comenta: “foi um medalhão do jingle” (Oliveira Sobrinho, 2011, p.50); 2) A peça musical foi fabricada pela Radio Corporation of America (RCA), em São Paulo, e gravado em Goiânia pelas Gravadoras Reunidas LTDA. Empresa localizada, à época, à Avenida Anhanguera, esquina com Rua 208, nº 76; 3.

O hino foi gravado no lado A do compact disc (CD), vulgo compacto, com duração de um minuto e trinta e oito segundos (1:38), enquanto que, no lado B do disco, encontra-se a música “Goiânia, marchando pra frente”, com mesma data, autor e duração de um minuto e cinquenta e sete segundos (1:57).



**Figura 8** - Fotografia Sérgio Jaime Canêdo (2018) LP, Com hino do GEC de 1969. Arquivo, Sérgio Jaime Canêdo.

<sup>22</sup> Times pesquisados - Flamengo/Vasco da Gama/ Fluminense/ Botafogo (Rio de Janeiro). Internacional e Grêmio (Rio Grande do Sul). Cruzeiro e Atlético Mineiro (Minas Gerais) Bahia e Vitória. (Bahia) São Paulo/ Corinthians/ Palmeiras/Santos (São Paulo). Sites oficiais dos clubes. Sport Clube do recife não foi encontrado a data/ Atlético clube Paranaense No site; <https://observatoriocap.wordpress.com/2013/09/16/especial-o-hino-do-clube-atletico-paranaense/> Coritiba (Paraná) no site; [www.torcedores.com/noticias/2018/05/hino-do-coritiba](http://www.torcedores.com/noticias/2018/05/hino-do-coritiba). Goiás (Goiás) fonte: Francisco Leal. Goiás: Sob o manto verde do cerrado. 2014

<sup>23</sup> Fontes; <https://www.redbull.com/br-pt/a-evolucao-das-mesas-de-som>. Obtivemos também explicações sobre esse aparelho com o jornalista, músico e cantor Donni Araujo.

<sup>24</sup> Paulistano é o apelido do jogador João Paulistano Canedo que foi jogador nas décadas de 50 e 60 do século XX.

<sup>25</sup> Não podemos afirmar categoricamente se esses Lps eram vendidos ou se seria uma cortesia do clube aos torcedores.

O hino do Goiânia é composto de três estrofes, um quarteto e dois tercetos. Não há um esquema de rimas cadenciado, de modo que a parte rítmica se constitui por algumas rimas de pé de verso, algumas repetições vocabulares, além de assonâncias e aliterações.

Além disso, não há uma medida padrão do tamanho dos versos, indo de nove sílabas poéticas a 15<sup>26</sup>. Para a composição instrumental do hino, segundo o músico e jornalista Donizete Araújo,<sup>27</sup> foram utilizados instrumentos de cordas (contrabaixo e guitarra) de percussão (bateria) e aerofones de teclas (órgão), acompanhando uma tendência muito utilizada na época do chamado Pop Rock anos 60.

#### O GALO CARIJÓ

(autor: Victor Dagô/1969)

O galo carijó é professor.

O galo carijó é brigador.

O galo quando entra no rebofo

Pega a bola, faz o gol, esconde a bola e ninguém vê

Cadê a bola?, cadê cadê?

Goiânia Esporte Clube futebol é com você!

Com você!! Com você!!

Cadê a bola?, cadê cadê?

Goiânia Esporte Clube futebol é com você!

Com você!! Com você!!

Os versos do hino do Goiânia com suas peculiaridades seguem a linha tradicional das letras compostas dos hinos feitos para outros clubes e que antecederam a composição do hino do Galo. Ou seja, contém na letra da música uma forte presença de demonstração de força, destreza e capacidade de vencer seus oponentes. É possível destacar nos versos do hino do GEC a presença marcante da mascote do clube, o Galo Carijó, inclusive no título, onde a ave, além de ser boa de briga, é um craque de bola.

Os versos não contam a história, nem narram às aventuras e/ou desventuras do clube. Todo o texto é uma redundância à mascote e à capacidade do time em fazer gols.

A este respeito, em entrevista realizada em 25/08/2018, o ex-jogador Silvinho faz o seguinte comentário: “eles (pronome

alude ao compositor e à equipe técnica) ficaram uma semana em Goiânia (1968). E eu me lembro que alguém comentou que eles estavam ali pra gravar o hino do clube.”

Então, analisando os dados e verificando que o time Goiânia tinha um saldo positivo de muitos gols durante sua história até aquele presente momento, é de se supor que a conversa entre o contratante e o contratado tenha se dado na direção de afirmar a imagem da mascote do clube como um vencedor, destacando a figura do galo como goleador.<sup>28</sup>

No ano de 2014, cerca de 45 anos depois da criação do hino do Goiânia, surge uma segunda versão<sup>29</sup> feita pelo jornalista, músico e torcedor do Galo, Donizete Araújo.

Em uma entrevista concedida no dia 11 de janeiro de 2019, Donny Araújo comenta que a primeira versão do hino o incomodava em duas situações, a primeira, por conta da composição e a segunda razão vinha da parte instrumental da música.

Disse-nos que, em princípio, imaginou escrever uma nova versão (letra) do hino, mas, “Concluí que a tradição é muito importante, especialmente em uma entidade tão emblemática quanto o Goiânia.

E decidi que seria melhor manter a tradição e regravar o hino oficial, composto por Victor Dagô.”<sup>30</sup> Mesmo ressaltando essa tradicionalidade do hino, o jornalista fez algumas alterações, substituindo algumas palavras, e acrescentando uma estrofe com seis versos, no qual, demonstrando seu conhecimento histórico do clube, cita de forma precisa alguns componentes históricos do time atrelado a algumas possibilidades de rememorar alguns símbolos do GEC.

#### GALO CARIJÓ

(Donni e os Boa Nova, Versão de Donni Araújo)

(composição de Victor Dagô)

O Galo Carijó é professor

O Galo Carijó é brigador

O Galo quando entra para o jogo

Pega a bola e faz o gol

Esconde a bola e ninguém vê

Cadê a bola?

<sup>28</sup> Ver quadros e médias de gols do time no corpo da dissertação, (Segundo capítulo).

<sup>29</sup> O autor da nova versão do hino do clube informou que a música foi gravada na primeira quinzena de agosto de 2014

<sup>30</sup> frase no site: <https://www.donniraujo.com.br/hino-do-goiania> áudio gravado pelos autores desta dissertação.

<sup>26</sup> Fonte: livro, Teoria do Texto, autor: Salvatore D'Onofrio, Editora: Ática Ano: 1995

<sup>27</sup> Conversa gravada via telefone watsapp. Dia 11/01/2019

Cadê? Cadê?  
 Goiânia Esporte Clube  
 Futebol é com você  
 Cadê a bola?  
 Cadê? Cadê? Goiânia Esporte Clube  
 Seu destino é vencer  
 És forte, és valente em todos os esportes  
 Nas quadras, nas piscinas triunfas e dominas  
 De tantos corações tu és o campeão  
 E te cobrem tantos louros com razão  
 Goiânia, sua história de batalhas e vitórias  
 É estrada em preto e branco para a glória<sup>31</sup>  
 (Fonte: [www.donnaraujo.com.br/hino-do-goiania](http://www.donnaraujo.com.br/hino-do-goiania))

No novo texto verificamos que o autor falou das cores, dos títulos e dos outros esportes que por muito tempo o GEC também privilegiou.

No quesito instrumental houve acréscimo de instrumentos <sup>32</sup> (violões e piano), aliados às novas possibilidades de mixagem e produção. O ritmo da nova versão, segundo opinião colhida com o próprio autor seria uma representação mais atualizada do Rock.

A seguir, imagem 9, a representação visual dos motivos pelo qual o hino do GEC, após complemento textual, contribuiu sobremaneira na construção mais adequada da identidade do clube para aquela época.

<sup>31</sup> Grifo nosso

<sup>32</sup> Ficha técnica da versão nova do hino do GEC. Donni Araújo= voz, violões, piano, órgão/Heston Henrique (Pão de Queijo)=Guitarra/Bruno Araújo=Contrabaixo/Marcos Cesar=bateria/Técnico de gravação=Eduardo Barra/Mixagem e masterização=Anderson Rezende/ (Robocop)/ Gravado em Goiânia, no Beat Studio e no Studio Barra & Veiga Jardim/ Mixado e masterizado no Studio Barra & Veiga Jardim Produzido por Donni Araújo. Fonte: <https://www.donnaraujo.com.br/hino-do-goiania>.





**Figura 9** - Montagem idealizada por Djalma Oliveira de Souza a partir das seguintes fontes; Foto1. Vôlei feminino (p.88) foto2. torcida feminina (p.51) foto3. vôlei masculino (p.89) fonte revista Futebol Milionário nº3 (sem data) foto4. Modalidades esportivas (futebol de salão/natação/atletismo/ futebol infantil e juvenil) destacadas na Revista Goiânia 70, (1970) n.3. p.13.

## REFERÊNCIAS

- 1-Alves Filho, J. B. Arquivos do futebol goiano. Goiânia: Gráfica O Popular. 1982.
- 2-Branco, C. O Futebol e a música popular brasileira (1915-1990) Recorde: Revista de História do Esporte. Vol. 3. Núm.1. 2010.
- 3-Campos, M. Almanaque do Lupi. Editora da Cidade/SMC-2015.
- 4-Cornelsen, E. Futebol, música e literatura: uma análise dos hinos dos clubes esportivos brasileiros. Cienc. Cult. São Paulo. Vol. 66. Núm. 2. p. 42-46. 2014.
- 5-Descola, P. Claude Lévi-Strauss por Philippe Descola. Estudos Avançados. Núm. 23. 2009.
- 6-Feix, G. A. Redesenho da Mascote Gremista. Universidade Federal do Rio Grande do Sul Faculdade de Arquitetura. 2016.
- 7-Franco Júnior, H. Dança dos deuses: futebol, sociedade, cultura. 2ª edição. Companhia das Letras. 2007.
- 8-Geertz, C. a interpretação das culturas. Rio de Janeiro. Zahar Editores. 1973.
- 9-Gomes, H. A Saga Do Atlético Clube Goianiense (1937-2012). 1ª edição. Goiânia. Ed. do autor. 2015.
- 10-Laplantine, F.; Trindade, L. O que é imaginário. 1ª edição. São Paulo. Editora Brasiliense. 2015.
- 11-leal, F. Goiás: Sob o Manto Verde do Cerrado 2ª edição. Goiânia. Kelps. 2014.
- 12-Oliveira Sobrinho, J. B. O livro do Boni. 2ª edição. Rio de Janeiro. Casa da Palavra. 2011.
- 13-Oliveira, E. C. Imagens e mudança cultural em Goiânia. Dissertação de Mestrado em História. Universidade Federal de Goiás. UFG. 1999.
- 14-Pereira, L. A. M. 1968 Footballmania: uma história social do futebol no Rio de Janeiro-1902-1938. Rio de Janeiro. Nova fronteira. 2000.

15-Pessoa, F. M. L. Mascotes do futebol carioca na estratégia Mercadológica do jornal dos Sports. podium: Sport, Leisure and Tourism Review. Vol. 1. Núm. 1 p.120-145. 2012.

16-Ruiz, C. M. M. B. Os paradoxos do imaginário: Ensaio de Filosofia. Editor: Unisinos. 2015.

17-Sahlins, M. Cultura na prática. Rio de Janeiro. Editora UFRJ. 2004.

18-Schwarcz, L. K. M. Questões de fronteira: sobre uma antropologia da história. Novos estudos. CEBRAP. São Paulo. Núm. 72. p. 119-135. 2005.

19-Tito, K. V. Memória e Identidade de um Bairro: Campinas Sob as Lentes de Hélio de Oliveira. Dissertação de Mestrado em história. Universidade Federal de Goiás. UFG. 2008.

20-Vovelle, M. A Revolução Francesa e seu eco. Texto apresentado no "7º Congresso Internacional das Luzes", em Budapeste, Tradução: Magda Sento Sé Fonseca. Julho1987.

Recebido para publicação em 08/04/2020

Aceito em 19/09/2020